

ACONTECIMENTO E DESCONSTRUÇÃO

Marcelo José Derzi Moraes¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este trabalho discute o *acontecimento desconstrução*, tema trabalhado e desenvolvido pelo filósofo Jacques Derrida, e que possibilitou uma nova perspectiva filosófica diante da conjectura atual em que não se pode mais dividir, separar ou manter uma hierarquia entre realidade e pensamento, cultura e natureza, logos e escritura.

PALAVRAS-CHAVE: Desconstrução. Acontecimento. Metafísica. Devir.

Podemos dizer que um acontecimento nos ronda. E é sobre um tipo de acontecimento que a escritura a seguir pretende abordar: o acontecimento da desconstrução.

Este tema, o acontecimento da desconstrução, foi muito bem trabalhado e desenvolvido pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida, e acabou por nos possibilitar uma nova perspectiva diante da tradição filosófica como iremos ver a seguir.

A história do pensamento ocidental, a história das ideias, ou seja, a história do Ocidente se constrói sob uma estrutura onde impera um pensamento identitário binário: Deus/homem; Apolo/Dioniso; razão/mito; belo/feio; dentro/fora; presente/ausente; ser/não ser; cultura/natureza; civilizado/selvagem; homem/mulher, conceito/metáfora, justo/injusto, verdade/falsidade, certo/errado. Essa estrutura funciona num movimento vertical onde o primário tem privilegio em relação ao que ficou secundário, ou o central tem privilégio em relação ao que ficou à margem. Essa é a estrutura do pensamento filosófico, ou seja, da metafísica tradicional que é formada por esses pares binários conceituais, partindo do principio de identidade, da presença e de um centro e que sempre buscou as origens dos fundamentos primeiros no intuito de ordenar e dar sentido as coisas. Assim, esse texto metafísico acredita dar conta de tudo, acreditando ter formado seu edifício conceitual em bases sólidas e seguras.

Porém, acabou por impossibilitar e impedir a vez ao que estava secundário e recalçado, como também, ao novo, ao diferente ou, ao que está por vir. E é a partir desse cenário filosófico que a desconstrução *acontece*. Pois, o texto em que está enquadrado ou que

¹ Mestrando em Filosofia pela UFRJ. Formado em licenciatura e bacharelado em Filosofia pela UERJ. Membro do Conselho Editorial da *Revista Ensaios Filosóficos*; membro do Grupo de Estudos de Filosofia Contemporânea da UERJ e colaborador do LLPFIL da UERJ.

por séculos tentaram enclausurar o pensamento que acabou por dar todo um sentido à cultura Ocidental, fundamenta-se a partir de um pensamento *euro-etno-falo-logocêntrico* que, a partir dessas bases, mantém até os dias de hoje firmes o pensamento metafísico.

Esse terreno do pensamento metafísico que compõe também o pensamento político ocidental se mescla e influencia nas decisões políticas de nossas sociedades ditas democráticas, fazendo parte de uma mesma estrutura. Sendo assim, veremos que tudo isso é um terreno inseguro e que nos escritos de Derrida, aparecem como uma forma de denúncia já apontada desde as suas primeiras obras.

Ora, não podemos separar as grandes concepções e verdades metafísicas das grandes decisões que permitem a morte de milhões de pessoas a cada ano, por fome, por racismo e por intolerância religiosa. A economia mundial, a globalização, a geopolítica, o direito internacional e os direitos humanos, fazem parte do debate filosófico. E terá a partir da perspectiva derridiana, um novo ângulo de observação. Ângulo esse que não virá do centro, do mesmo, do eu, do branco, do colonizador. Virá das margens, da diferença, do estrangeiro, do que esta por vir. Essa é a importância de uma nova perspectiva filosófica para a realidade atual. É nesse sentido, que a desconstrução não somente acontece no âmbito do pensamento como também na prática, nas instituições como, por exemplo, no Direito.

A estrutura em que Derrida bate, e bate com força, ao abordar o tema da desconstrução, permeia e conserva toda a história da filosofia ou a história do pensamento, e ao estremecer permite a desconstrução dessa estrutura possibilitando uma promessa de Justiça aos que estão por tantos anos à margem dos interesses dos que definem o certo, o bom e o melhor.

Derrida parte da perspectiva da desconstrução. Sendo esta, a sua posição, a posição perigosa e estranha da desconstrução. E é a partir dessa posição ou perspectiva de pensamento que iremos tratar aqui e que compõem todo o “princípio” do pensamento do filósofo argelino.

No entanto, cabe colocar aqui que a desconstrução não é uma ideia de Derrida. Ele se encontra com o termo desconstrução ao traduzir a expressão *Destruktion*, em alemão, em o *Ser e Tempo* de Martin Heidegger para o francês.

Ao traduzir *Destruktion*, Derrida percebe que não é tão adequado traduzir por *Destruccion*, pois *Destruccion* quer dizer, destruição, aniquilar e se então, traduzisse por *Déconstruction*, conseguiria assim, traduzir o que Heidegger realmente estava querendo dizer, ou seja, uma expressão que significa desmontar, retirar ou desconstruir peças que formam uma estrutura ou um sistema.

Em *Ser e tempo* (2004), Heidegger, ao usar o termo *Destruktion* que, em português é

traduzido por destruição, quer explicar que necessitamos de destruir camadas que escondem as origens de determinadas questões ontológicas. Heidegger está querendo desvendar a questão do ser. E a destruição seria uma tarefa de investigação em busca da questão do ser e assim, acabaria por estremecer toda a estrutura da filosofia que há tempos estava engessada na história do Ocidente. Está então seria a tarefa destruidora e que não teria um teor niilista e negativo. “A destruição não se propõe a sepultar o passado em um nada negativo, tendo uma intenção positiva” (HEIDEGGER, 2004, p.51).

A destruição de que fala Heidegger, acontece ou se dá, na estrutura do pensamento filosófico que se construiu desde os gregos e que acabou por sofrer na idade média e na idade moderna transformações que impediriam toda a flexibilidade e possibilidade de mudanças e transformações no âmbito do pensamento filosófico.

A tarefa destruidora ou desconstrutora, já falando nos ecos derridianos, para rompermos com o legado que herdamos da tradição, pois, se nos mantivermos estagnados e conformados com este legado, alimentaremos ainda mais esta estrutura. E, ao invés de desconstruí-la, estaremos cada vez mais a fortalecendo: “A questão do ser só receberá uma concretização verdadeira quando se fizer a destruição da tradição ontológica” (HEIDEGGER, 2004, p. 56).

Porém, apesar de Derrida ter localizado em *Ser e tempo* a expressão que acabaria por envolver todo seu pensamento, nos mostra que, por diversas vezes, a desconstrução aconteceu na história do pensamento como, por exemplo, em Lutero, Nietzsche e Freud.

A desconstrução acontece no mundo, acontece no texto do mundo. Apesar da destruição de que fala Lutero se dar numa teologia institucional, a de Heidegger e Nietzsche na metafísica, Derrida atenta que ela se dá também na política. Pois tudo faz parte de um mesmo texto e a desconstrução no tecido metafísico, teológico ou político, colaboraria para uma transformação no campo do pensamento. Visto que, para Derrida tudo é um texto, a desconstrução também pode acontecer numa textura arquitetônica, nos grandes textos canônicos e na grande obra divina: a vida.

No entanto, umas das maiores tarefas de Derrida, depois de ter assumido a responsabilidade de falar em nome da desconstrução, foi principalmente mostrar o que a desconstrução não é: “Diversificação essencial à desconstrução, que não é nem uma filosofia, nem um método, mas como digo muitas vezes, o impossível e o impossível como o que chega” (DERRIDA, 2004, p. 332-333). Vejamos ainda o que diz em entrevista a Evando Nascimento (DERRIDA, 2001, p.12-17): “A desconstrução não dispõe de uma tábua de valores morais. A desconstrução não é uma moral. Não é um dever moral. Acontece (“Ça

arrive”). Acontece por meio de aporias, de dificuldades, de coisas impensáveis.

Apesar da insistência de alguns em querer reduzir ou capturar a desconstrução para a sua lógica prendendo-a a um conjunto de regras e proposições, Derrida e muitos outros estão sempre contribuindo para desviar ou deslocar a desconstrução da cadeia binária e identitária da tradição filosófica. Como aponta também Giovana Borradori (2004, p. 148), a desconstrução está muito longe de ser um método geral de procedimentos analíticos, como, também, não se trata de uma ética. Mas, cabe ressaltar que apesar da desconstrução não ser uma ética, ela nos permite questionar o campo ético e até mesmo o que seria ética. Geoffrey Bennington é incisivo quando mostra que

Desconstrução não pode propor uma ética. Se o conceito de ética, como todos os conceitos vem a nós, como não poderia deixar de fazê-lo, da tradição que se passou a ser chamada de “metafísica ocidental”, e se como Derrida coloca desde o início, a desconstrução pretende desconstruir a “maior totalidade” – a rede inter-relacionada de conceitos que nos é legada pela (ou como) metafísica -, então a “ética” não poderia deixar de ser um tema e um objeto da desconstrução, um tema para ser desconstruído, mais do que admirado ou afirmado. A ética é completamente metafísica, não podendo, portanto, jamais ser simplesmente assumida ou afirmada pela desconstrução. A demanda ou desejo por uma “ética desconstrucionista” são, nesse sentido, fadados à frustração (DUQUE-ESTRADA, 2004, p. 9).

A desconstrução não é um sistema filosófico, não dispõe de valores morais, não é uma ciência nem tampouco uma filosofia não dispondo de uma metodologia e regras lógicas, a dificuldade em enquadrá-la nas análises conceituais dos anais da filosofia é constante. Apesar da insistência de alguns em querer reduzir ou capturar a desconstrução para a sua lógica prendendo-a a um conjunto de regras e proposições, Derrida e muitos outros estão sempre contribuindo para desviar ou deslocar a desconstrução da cadeia binária e identitária da tradição filosófica. É o caso da filósofa italiana Giovanna Borradori que compreendeu bem essa questão:

A desconstrução procura desmontar qualquer discurso que se apresente como “construção” levando em conta que a filosofia trata de ideias, crenças e valores construídos dentro de um esquema conceitual, o que se desconstrói é maneira como eles se mantêm unidos em um determinado esquema (BORRADORI, 2004, p. 145).

A desconstrução acontece nesse texto metafísico em seu edifício conceitual a fim de desmontar sua estrutura permitindo o fluxo de um devir para o pensamento e para as ideias. A desconstrução opera de uma forma que busca desfazer a hierarquia presente dando vez ao que antes estava recalcado permitindo a possibilidade do novo. Esse *ad-ven* que acontece busca revelar o que há de escondido por detrás dos discursos e conceitos que em nossa cultura

ocidental, se apresentam como únicos e que se mantêm predominantes como verdadeiros. O que se desconstrói é uma estrutura edificada ao longo da história e que construída se petrificou com *status* de única e verdadeira e que não permite transformações e questionamentos.

O acontecimento da desconstrução derruba a hierarquia conceitual, ou seja, inverte a hierarquia permitindo que o que era antes secundário e recalcado, num certo momento tenha privilégio sobre o que estava como dominante. Pois não podemos esquecer que a filosofia, como nos adverte Deleuze e Guattari (1992, p. 10), é a arte de inventar e fabricar conceitos. Porém, há um segundo momento na operação da desconstrução que é o deslocamento. Que acaba por colocar esses conceitos numa mesma base não permitindo mais o privilégio de um pelo outro. Não mantendo mais uma estrutura vertical privilegiando um pelo outro. Com o fim da hierarquia conceitual, a desconstrução permite uma disseminação de novos conceitos que não mais estariam presos a lógica binária identitária. Alguns deles seriam inapreensíveis, sendo da ordem do devir, tais como: devir-mulher; devir-animal; escritura por vir; *différance*. Pois, o pensamento tradicional metafísico, que em sua estrutura hierárquica, rebaixou o que era secundário e também não permitiu a chegada do que não era conhecido ou inapreensível. E a desconstrução dessa hierarquia, essa operação da desconstrução, nos diz o próprio Derrida em *Posições*, acontece da forma que apresentamos acima. Porém, nos exige uma vigilância que é demasiadamente importante:

Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia. Descuidar-se dessa fase de inversão significa esquecer a estrutura conflitiva e subordinante da oposição. Significa, pois, passar muito rapidamente – sem manter qualquer controle sobre a oposição anterior – a uma neutralização que, praticamente, deixa intacto o campo anterior, privando-se de todos os meios de aí intervir efetivamente (DERRIDA, 1975, p. 48).

Como já dissemos, a estrutura onde a filosofia está inserida nos oferece uma única entrada, mas nem uma saída. Dentro da lógica onde funciona a filosofia, legamos todo um pensamento que Derrida irá chamar de logocêntrico, falocêntrico ou de metafísica da presença. Onde haveria um centro com uma origem, uma verdade e uma presença. É a partir dessa esquematização que se formou todo o pensamento ocidental que acabou por renegar e rebaixar o que estava fora, ausente ou a margem. E o acontecimento da desconstrução, viria abalar essa estrutura permitindo um pensamento da diferença localizando não somente uma entrada, mas também várias saídas, várias possibilidades.

A operação desconstrutora, permite que, por exemplo, a Escritura que antes estava

rebaixada com relação à voz, ganhe destaque e apareça. Vejamos o que Rafael Haddock-Lobo nos diz:

No momento da inversão, aquilo que é recalcado, reprimido, abafado, marginalizado pela filosofia é colocado em destaque. Dá-se, assim, em um primeiro momento olhar especial à escrita, ao significante, à mulher, à loucura etc., em detrimento de tudo que foi defendido pelo falo-logo-fonocentrismo: a fala, o falo, a razão, o significado etc. (HADDOCK-LOBO, 2007, p.86).

Esse tema ele trata a partir de uma denuncia a inflação da linguagem e do conceito de signo na contemporaneidade, Jacques Derrida aponta em seu livro *Gramatologia* para o declínio do imperialismo logofonocêntrico no pensamento filosófico e o advento da Escritura objeto antes recalcado e secundário na história da filosofia e do pensamento. A perda dessa posição centrada destacada do Logos e a ascensão da Escritura demonstram como a desconstrução vem acontecendo. E essas são algumas das lições de Derrida na *Gramatologia* (2006, p. 4-5):

(...) concentrar a atenção sobre o etnocentrismo que em todos os tempos e lugares, comandou o conceito de escritura. Nem apenas sobre o que dominaremos logocentrismo: metafísica da escritura fonética (por exemplo, do alfabeto) (...) o conceito de escritura num mundo onde a fonetização da escritura deve, ao produzir-se dissimular sua própria história; (...) a história da metafísica que, apesar de todas as diferenças e não apenas de Platão a Hegel (passando até por Leibniz)⁵, mas também, fora de seus limites aparentes, dos pré-socráticos e Heidegger, sempre atribuiu ao logos a origem da verdade em geral: a história da verdade, da verdade da verdade, foi sempre, com a ressalva de uma excursão metafórica de que deveremos dar conta, o rebaixamento da escritura e seu recalçamento fora da fala “plena”.

Neste livro e em outros, é possível constatar que desde Platão a escritura vem sendo rebaixada com relação ao Logos. Esse enquanto voz, portador da verdade e origem. Derrida também discute esse tem em seu livro a Farmácia de Platão. Ao retornar ao diálogo *Fedro*, de Platão, Derrida retoma o mito de Theuth, em que Platão apresenta a escritura como um veneno. Que serviria somente para corromper os homens. Porém, Derrida localiza nesse texto uma aporia, um desvio desconstrutor que permitirá mostrar que a palavra veneno usada por Platão que em grego é *phármakon*, permite mais duas leituras. Pois, *phármakon*, é remédio e também, cosmético.

E ainda na paisagem grega, Derrida aponta para o livro “Da interpretação” de Aristóteles onde esse, diz que o único papel da escrita seria reproduzir a voz.

Adotado pelo pensamento filosófico, tal posição dada à escritura, percorreu toda a história da filosofia e do pensamento estando presente na modernidade com Rousseau e

Hegel. Na contemporaneidade ainda houve uma insistência em manter-la rebaixada, como aponta Derrida, com relação a Saussure na lingüística e algumas posições tomadas na antropologia por Lévi-Strauss.

No entanto, ainda na contemporaneidade, não podemos deixar de observar nos lembra Derrida, um rompimento com essa postura logocêntrica quando retornamos um pouco atrás com Nietzsche ou quando estudamos o segundo Heidegger.

Não devemos negligenciar os avanços tecnológicos e a crise no pensamento metafísico, e com a Escritura ganhando espaço, não cabendo mais a filosofia ser imprudente com relação ao papel da Escritura e de todos os outros elementos que por séculos ficaram abandonados à margem da ótica filosófica. E a exigência quem vem se suscitado. Pois, a voz, o signo e o conceito não mais dão conta do que o pensamento quer ou pode transmitir.

Porém, cabe ressaltar que todo esse problema com relação à escritura que estaria envolvido com o projeto gramatológico de Derrida, esse vê uma gramatologia para além de uma ciência da escrita enquanto linguagem, libertando a escritura das clausuras da linguagem e do logofonocentrismo. Rafael Haddock-Lobo explica um pouco do projeto gramatológico de Derrida:

O empreendimento de uma gramatologia, deste modo, visaria simplesmente à tentativa de fazer justiça a este excesso do qual a língua fonética não dá conta, justamente pelo fato de ser fundamentada na metafísica da presença que crê na autoridade da fala frente à escrita. (HADDOCK-LOBO, 2008, p.53).

A ordem do acontecimento ou a lógica do acontecimento que atribuímos ao “movimento” da desconstrução, esta no campo da promessa e do por vir. É um acontecimento que acontece ultrapassando a alternância entre o temporal e o intemporal estando sempre no movimento do devir, sempre por acontecer porém, sem ser esperado, calculado ou previsto. É um acontecimento que chega sem avisar, sem mandar recado. A professora Dirce cita Derrida, que nos explica muito bem o que queremos dizer sobre o acontecimento em desconstrução: “É um acontecimento que não espera deliberação, consciência ou organização do sujeito, nem mesmo da modernidade (DERRIDA, 1987 p, 321; SOLIS, 2007, p. 43-47).

Um ótimo exemplo de um acontecimento que podemos ver num texto do pensamento ou das ideias ou até no texto prático, seria o ataque as torres gêmeas no onze de setembro. Que não foi um acontecimento como queremos dizer, mas que teve uma proporção dada principalmente pela mídia como um acontecimento de ordem maior. Enquanto que na verdade, sabemos que tal desastre já estava previsto. Pois, sabemos que há muitas décadas o

EUA, estava construindo seu próprio auto-suicídio. Por outro lado, podemos dizer também que uma desconstrução também aconteceu, visto que, vimos desmontar toda uma estrutura que carregava com ela símbolos de verdade, justiça e liberdade e poder.

Porém, para um melhor entendimento do que seria a desconstrução, seria necessário muito mais do que um trabalho como esse. Estamos colocando isso porque, há algumas outras noções que estão envolvidas na lógica da desconstrução que constituem parte de sua estratégia que são imprescindíveis para entendermos seu movimento que se dão através de seus operadores ou seus quase-conceitos, tais como: *Différance*, Rastro, Hímen, *Phármakon*, Escritura, Justiça por vir, Democracia por vir, Hospitalidade Incondicional e outros.

No entanto, não iremos nos aprofundar aqui nesses operadores. Porém, cabe ressaltar que esses possibilitam que a desconstrução aconteça, pois apontam em um texto aporias que nos possibilitam pensar os indecíveis e os impossíveis que não estariam de fácil acesso para nós. Como será o caso do quase conceito escritura que falaremos de forma breve ainda nesse capítulo.

Para não sermos vítimas ou alvos de críticos severos, devemos explicar que a lógica da desconstrução é uma lógica estranha, pois parte da diferença, das margens, do secundário, do que é ou está ausente. E antes que digam que estamos sendo retóricos ou anárquicos privilegiando o caos à ordem, devemos explicar que a lógica que a desconstrução se posiciona não é a da metafísica tradicional que é formada por pares binários conceituais, partindo do princípio de identidade e da presença, de um centro e que sempre buscou pelas origens dos fundamentos primeiros no intuito de colocar tudo em ordem e dar sentido as coisas. Vejamos as palavras que se seguem, de Paulo César Duque Estrada:

A desconstrução denuncia a violência que se esconde nos discursos que, pretendendo se apropriar de uma origem, o fazem se instituindo como uma pretensa verdade. Os discursos produzidos pela “inelutável nostalgia” e sua correlata esperança instituem e destituem, a cada lance, novos centros de dominação que, diz Derrida, apenas trocam uma violência por outra, na eterna reprodução de uma mesma lógica apropriadora (ESTRADA, 2008, p. 61).

Outro exemplo de acontecimento da desconstrução, podemos observar, no filme *Anti-Cristo*, de Lars von Trier onde a desconstrução do cenário apresentado no filme, se dá por completo na vida dos personagens. Pois no filme, vemos o pai, o marido, o homem branco e racional de dentro de um cenário urbano e “civilizado”, de uma hora para outra, vê sua mulher tomada por uma nova paisagem. Uma paisagem selvagem e que por ela é infectada. A mulher passa a se reconhecer ou se identificar como natureza, se reconhece como secundária na lógica

predominante. E de repente o cenário todo se inverte. O que era secundário passa a ser predominante. O homem, a cultura, a razão não dá mais conta da realidade. Tudo passa a ser estranho para ele. E assim, tudo se torna uma coisa só. Tudo é natureza. Tudo é vida. Tudo é texto e possível de ser desconstruído. Sem a subordinação lógica de um pelo outro, sem um sentido. E dando possibilidade a muitos devires, o caos toma conta de tudo. A ordem agora passa a ser a do caos. O Caos reina a raposa nos adverte durante o filme. Porém, esse caos não é negativo é ordem natural das coisas. A natureza é caótica. É por possibilitar que desvelemos o que está por de trás dos discursos ditos verdadeiros, únicos e universais que a desconstrução é vista como negativa e caótica, pois, nos possibilita ver aquilo que ninguém mais quer ver: a produção das ideias.

É nesse sentido, que o acontecimento da desconstrução sempre será tomado por aqueles que têm medo de perder suas posições privilegiadas como algo de anárquico, cruel e niilista. Ao ponto que nós queremos mostrar que a ordem da desconstrução, do acontecimento e do devir, é impossível de ser negado ou esquecido. Se for niilista ou negativo, é porque sempre será uma ameaça isso porque o futuro imprevisível, incalculável sempre virá carregado de passado, de história e de cobranças. Um espectro sempre nos rondará.

Podemos entender a desconstrução como uma estratégia, visto que ela esta num movimento de resistência e rompimentos. A desconstrução é da ordem do acontecimento ou da lógica do acontecimento estando no campo da promessa e do por vir. É um acontecimento que acontece ultrapassando a alternância entre o temporal e o intemporal estando sempre no movimento do devir, sempre por acontecer, porém, sem ser esperado, calculado ou previsto. É um acontecimento que chega sem avisar, sem mandar recado.

Já sabemos que a desconstrução permite dar a vez ao recalçado. No entanto, a desconstrução permite também a chegada do novo. Deixando o advir do novo, o desconhecido. Pois ao abalar e deslocar as dicotomias presentes no pensamento tradicional tais como apontamos anteriormente. Poderíamos pensar outras formas de lidar com a Democracia, Hospitalidade, Amizade ou Perdão.

A desconstrução não busca o caos ou a anarquia é em todas as suas dimensões positiva, estando muito longe de uma conotação niilista como coloca a Dra. Dirce Solis:

A desconstrução não promove nunca uma exaltação do presente como crise ou conflituoso, como tragédia ou catástrofe, mas é este presente conflituoso, em crise ou não, que se apresenta como passível de análise crítica e de desconstrução. É neste sentido que a desconstrução é afirmativa (...) (SOLIS, 2007, p.16).

Para questionar e esclarecer o que está oculto por de trás dos discursos identitários e universalizantes que já estamos sufocados e cansados de ouvir e em nada vemos mudar com relação aos oprimidos, as minorias e os excluídos que a desconstrução quer acontecer para desestabilizar e complicar, apontando paradoxos e seguindo num movimento aporético em busca de esclarecimentos e de novas possibilidades.

Referências bibliográficas:

BENNINGTON, Geoffrey e DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.

BORRADORI, Giovanna. *Filosofia em tempo de terror*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. A solidariedade entre os seres vivos. Entrevista a Evando Nascimento. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 de Maio de 2001 Suplemento Mais! p. 12 – 16.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Papel máquina*. Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 2004.

_____. *Posições*. Lisboa: Plátano Editora, 1975

_____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César (Org.). *Desconstrução e ética: ecos de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Editora PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (Org.) “*Espectros de Derrida*” Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio, Editora NAU, 2008

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC-RIO, março de 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. *Arquitetura da desconstrução e desconstrução em arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2010.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Democracia por vir e a política da filosofia a partir de Derrida. In: *Revista de Filosofia SEAF*, Rio de Janeiro, UAPÊ, ano 6, n. 6, 2007.

Acontecimento e desconstrução

Marcelo José Derzi Moraes

Abstract: This research is about the event of deconstruction, a theme studied and developed by the philosopher Jacques Derrida, who enabled a new philosophical perspective on the current conjecture implying that one can no longer divide, separate or maintain a hierarchy between thought and reality, culture and nature.

Key words: Deconstruction. Event. Metaphysics. Becoming.